

QUE PAÍS É ESTE?

Ana Beatriz Magno
Da equipe do **Correio**

Estamos na pior das crises ou no melhor dos países? Depende da hora em que a televisão está ligada.

Nos noticiários econômicos, o Brasil vive momentos de pânico. É queda nas bolsas, aumento de juros, desemprego e a equipe econômica do governo Fernando Henrique se desdobrando para convencer os investidores estrangeiros a não abandonarem o mercado brasileiro — na última semana, as reservas mingua-

ram em quase US\$ 14 bilhões.

Mas, se o momento é o horário eleitoral gratuito, o Brasil é outro.

De um lado, o presidente-candidato Fernando Henrique Cardoso apresenta um país cheio de obras e futuro promissor. Jura que vai criar 7,5 milhões de empregos, mas não conta que, só em julho, havia 3 milhões de desempregados nas seis principais regiões metropolitanas do país.

Somente ontem, em discurso no Amapá, o presidente admitiu que para salvar o Real pode tomar me-

didias impopulares, antes mesmo das eleições de 4 de outubro. Ainda não tomou.

Otimismo governista contra pessimismo generalizado da oposição. Luis Inácio Lula da Silva, o candidato das esquerdas, acha que a crise se resume a Fernando Henrique e apresenta soluções milagrosas para o problema. Promete 15 milhões de empregos, diz que é preciso restringir a entrada do capital estrangeiro, mas não explica de onde viriam os recursos para financiar as dívidas brasileiras.

BRASIL REAL

■ Pânico na Rússia derruba bolsas de valores em todo o mundo, na segunda-feira, 31 de agosto. Os operadores de Nova York entram em pânico com a queda de 6,37%. No dia seguinte, Estados Unidos se recuperam, mas Brasil segue numa semana de sucessivas baixas.

■ Na sexta-feira, pela segunda vez em 1998, o *circuit breaker*, mecanismo eletrônico que interrompe as operações nas bolsas de valores quando elas registram queda de mais de 10%, foi acionado às 15h58, em São Paulo. No final, a Bovespa fechou com queda de 6,58%, o que significa uma perda acumulada na semana de 13,58%. Só na quinta-feira, a queda bateu em 8,65%. As perdas indicam fuga de capitais do Brasil, ou seja, os investidores estão indo embora temendo o quadro de instabilidade.

■ Na quinta-feira, 3, a agência americana Moody's, responsável por classificar os riscos de investimentos nos países, rebaixou a cotação dos títulos públicos brasileiros, avisando a seus clientes que aplicar dinheiro no Brasil estava mais arriscado. No dia seguinte, criticou a qualidade dos créditos dos bancos privados, especialmente Bradesco, Itaú e Unibanco.

■ A equipe econômica brasileira reagiu. Em nota oficial, criticou a Moody's. "O governo brasileiro rejeita, em particular, de forma categórica, a avaliação feita pela Moody's para os títulos emitidos em moeda local. Diferentemente de outros países emergentes, o Brasil tem uma longa tradição de financiamento no mercado interno. Isso decorre da sofisticação do sistema financeiro brasileiro e da existência de já consagrados mecanismos de interação entre o mercado, o Tesouro Nacional e o Banco Central"

■ O governo aumentou, na quinta-feira, 3, os juros básicos da economia de 19% para 29,75% ao ano. Significa que o crediário e os cheques especiais vão ficar mais caros. Voltam, por exemplo, as prestações de carros pós-fixadas, ou seja, que podem ser reajustadas mensalmente.

■ Na sexta-feira, 4, em Washington, durante reunião do Fundo Monetário Internacional com os ministros de Finanças dos países latino-americanos, o ministro da Fazenda, Pedro Malan pediu socorro à porção desenvolvida do Planeta: "O conjunto de políticas macroeconômicas dos países latino-americanos não é mais suficiente. A responsabilidade de criar um contexto internacional menos tenso e sem pânico é dos governos dos países desenvolvidos e das instituições multilaterais. São eles que devem agir", disse.

■ Nenhum analista nega que o impacto da crise sobre o emprego deverá ampliar o já dramático problema do desemprego. Segundo o Dieese, existem hoje três milhões de desempregados só nas seis principais regiões metropolitanas do país. De acordo com o IBGE, apenas na Grande São Paulo o desemprego médio atingiu em julho 8,95% da população economicamente ativa.

■ O mercado financeiro estima que só nos últimos dez dias o Brasil perdeu R\$ 14 bilhões de suas reservas. Apenas na sexta-feira, US\$ 2,59 bilhões deixaram o país. Significa que as reservas nacionais estão em US\$ 58 bilhões, contra os US\$ 74 bilhões do início da crise em agosto. São as reservas que garantem a estabilidade do Plano Real e evitam a desvalorização da moeda, uma das consequências quando o país não resiste ao ataque especulativo.

■ Gustavo Franco, presidente do Banco Central, e analistas de mercado diziam a princípio que o Brasil deveria adotar medidas drásticas quando as reservas batessem em US\$ 60 bilhões — já ultrapassaram esse limite e nada foi feito.

BRASIL DOS PALANQUES

■ Fernando Henrique Cardoso, em 3 de setembro: "Os problemas da Rússia nada têm a ver com o Brasil. Não sei o que vai acontecer com a atividade econômica, mas nós temos um rumo... Não podemos ficar absorvendo tudo que é crise. Wall Street fica em São Paulo? Eu acho que não fica. E onde é que a bolsa teve pânico, não foi em Wall Street?"

■ Lula, em 2 de setembro: "Agora estamos presenciando o esgotamento do modelo neoliberal".

■ Fernando Henrique, em 3 de setembro: "Vamos buscar outros caminhos. Já que não tem capital externo, busca-se o interno. Vamos mostrar que o Brasil é local bom para investimentos". A meta de Fernando Henrique em seu programa de governo é atrair US\$ 50 bilhões de capital internacional, o que equivale ao que ele já perdeu nas bolsas nos últimos dias.

■ Lula, em 21 de agosto: "A única possibilidade que o Brasil tem de escapar do perigo e ter estabilidade econômica com estabilidade social é se eu ganhar a eleição".

■ Fernando Henrique, em 3 de setembro: "Não é uma questão brasileira. É uma questão internacional. A solução depende do que aconteça em vários países".

■ Lula, em 21 de agosto: "É preciso inverter o modelo atual, acabando com a subordinação ao capital externo".

■ Fernando Henrique, em 3 de setembro: "Todas as taxas de juros que dependem do governo estão caindo. Outra coisa é o juro do consumidor final, o cliente das lojas. Aí não é o governo quem fixa, é o mercado".

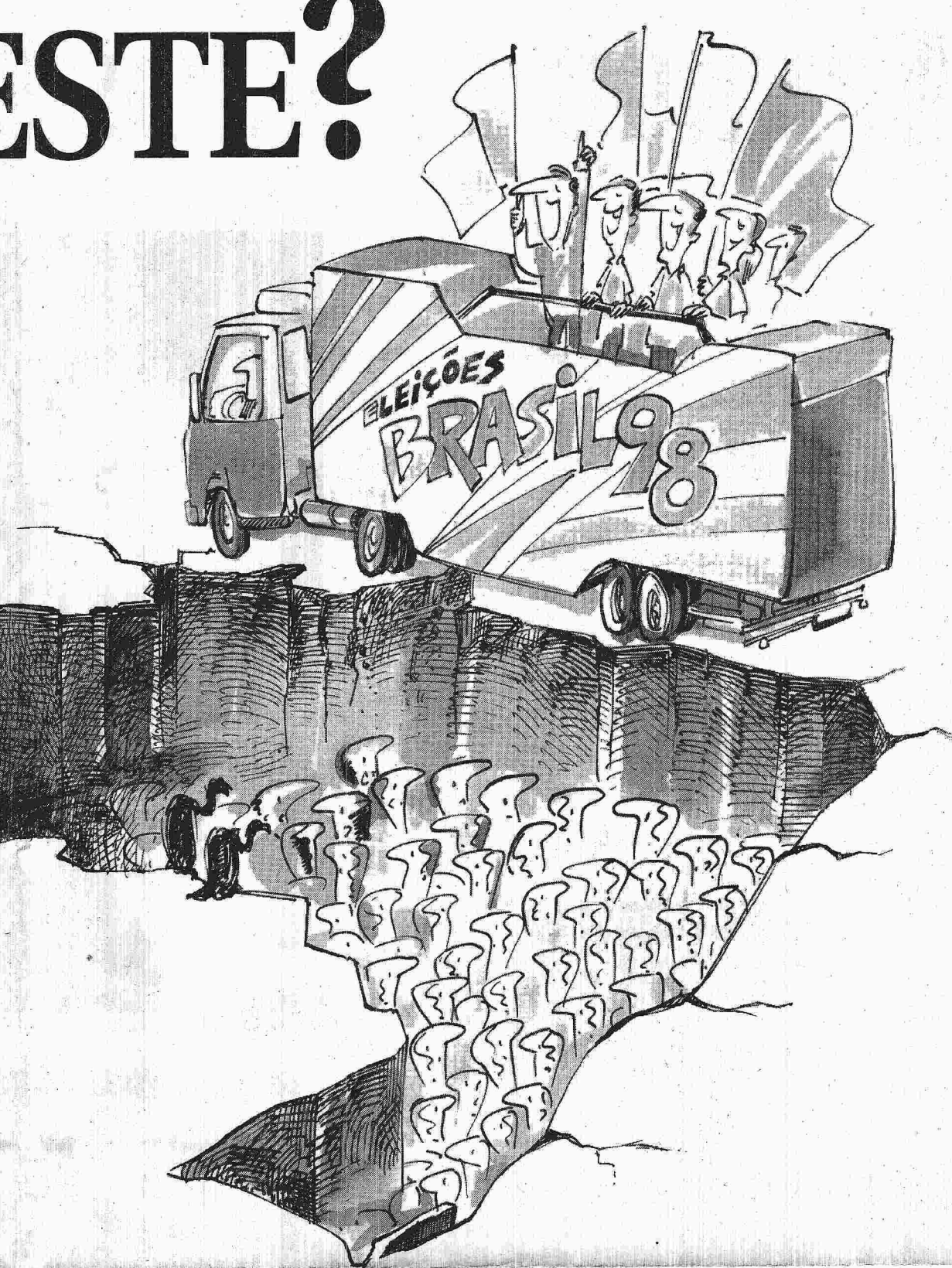
■ Os petistas querem que os juros básicos da economia tenham taxas reais de 8,5% anuais, 12 meses depois do começo de um eventual governo Lula. Os juros baixariam, portanto, de 29,5% para 8,5%. Dizem que, no atual momento de crise, a adoção de câmbio flexível, com o preço do dólar variando conforme a entrada e saída de capital, permitiria redução dos juros.

■ Fernando Henrique promete em seu programa de governo criar 7,5 milhões de empregos.

■ Lula não explica direito como, mas jura que se for eleito gera 15 milhões de empregos

■ Fernando Henrique, em 3 de setembro: "Hoje temos defesa, um colchão protetor de reservas cambiais".

■ Economistas de Lula, em 4 de setembro: "Numa situação como a que estamos vivendo, é preciso controlar a saída de capitais. O Banco Central deveria restringir a saída de moedas fortes, impedindo a perda de reservas. Deveria ser adotada a centralização cambial, fechando assim os ralos de entrada e saída de dólares", diz Jorge Matoso, da Universidade de Campinas. A solução petista foi adotada esta semana na Malásia. Analistas brasileiros dizem, no entanto, que a solução do PT fecharia o Brasil ao capital estrangeiro, que fugiria com medo de ficar atado para sempre ao Brasil.



Arte: Chico Régis

BOLSAS ALUCINADAS

MOODY'S DESACONSELHA INVESTIR NO BRASIL

JUROS

MALAN DE PIRES NA MÃO

DESEMPREGO

RESERVAS DANDO ADEUS